

Algumas tendências da literatura no Brasil

(Some tendencies in the Brazilian literature)

Maria Célia Leonel¹

¹Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

mcleonel@fclar.unesp.br

Abstract: The aim of this text is to reflect on the research that has been done on the Brazilian literature, by considering two complementary aspects, in spite of their difference in relation to type and scope. The first is the current discussion on the separation, of Literature and Linguistics, which was done by CAPES in order to evaluate both post-graduate programs. The second is the attempt to know the theories and research lines related to the literary studies, in order to discuss introductorily their role and the academic perspectives they contain.

Keywords: literature in Brazil; theories and research lines; national academic events.

Resumo: O escopo do texto é refletir sobre a pesquisa em literatura no universo acadêmico brasileiro a partir de dois aspectos – de ordem e abrangência diferentes – mas complementares. O primeiro deles é a atual discussão sobre a separação, para efeitos de avaliação dos programas de pós-graduação pela CAPES, das áreas de Letras e de Linguística. O segundo é a tentativa de conhecer as teorias e linhas de pesquisa sobre as quais incidem os estudos de literatura, procurando discutir, de modo introdutório, o papel delas e as perspectivas acadêmicas que encerram.

Palavras-chave: literatura no Brasil; teorias e linhas de pesquisa; eventos acadêmicos nacionais.

Ao propor à direção do GEL, para a conferência no 58º Seminário, uma reflexão sobre “Algumas tendências da literatura no Brasil”, pensei em dois aspectos de ordem distinta que, a meu ver, incidem, de algum modo, sobre a vida acadêmica no país no que diz respeito aos estudos da literatura. O primeiro aspecto é a atual discussão sobre a separação, para efeitos de avaliação dos programas de pós-graduação pela CAPES, das áreas de Literatura e de Linguística. O segundo — em um espaço mais específico — é uma determinada delimitação das principais teorias e linhas de pesquisa nos estudos de literatura no universo acadêmico brasileiro e a discussão sobre elas, procurando detectar, de modo introdutório, as perspectivas acadêmicas — e também políticas — nelas encerradas.

De início, tomo, portanto, a polêmica, aparentemente circunscrita ao âmbito dos programas de pós-graduação, concretizada, em especial, no último Encontro da ANPOLL, em 2010, em Belo Horizonte. Aparentemente circunscrita porque, na atualidade, tudo quanto afeta a pós-graduação atinge a vida acadêmica por inteiro.

No Encontro da ANPOLL de 2009, foi ventilada, para a avaliação da CAPES, a separação das áreas, mas, evitou-se a discussão mais profunda sobre esse tema. Nesse ano, todavia, circulou um ou outro escrito propondo a divisão.

Em maio de 2010, a comunidade acadêmica, por meio do *site* da ANPOLL, tomou conhecimento de um documento denominado “Plano estratégico de Letras e Linguística”, abreviado para Planes. Nas 26 páginas do texto, um grupo de especialistas — denominado Comissão de Letras e Linguística Capes/MEC — das duas áreas em igual proporção

(Benjamin Abdala Junior, Eneida Leal Cunha e Regina Zilberman — representantes da área de Letras — e Célia Marques Telles, Eduardo Junqueira Guimarães e Maria Margarida Salomão - da área de Linguística) apresenta argumentos para a separação das áreas junto à CAPES. Esses autores – com exceção de Regina Zilberman — compuseram uma mesa na ANPOLL para discussão do documento, em sessão plenária, no dia 1º de julho de 2010.

Do documento consta um histórico dos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras e Linguística no país. No início da década de 1970, o número de programas de pós-graduação da área era por volta de dez; em quarenta anos, houve um crescimento de 2000%. Em julho de 2010, de acordo com informações de membros da comissão na plenária da ANPOLL, haveria, além dos 125 programas mencionados no texto, mais dez solicitações de credenciamento. O documento e as intervenções dos especialistas que o assinam apontam a presença significativa de cursos mistos — em especial mestrados — com “dupla identidade”, ou seja, com áreas de concentração em Literatura e em Linguística; cerca de 48% dos programas estariam nessa situação. O fato de novos programas já se definirem por uma das áreas é considerado como altamente positivo pelo texto que assegura:

Se, enquanto área, Letras e Linguística é difusa, cada uma dessas orientações tem perfil mais claro e autoexplicativo, embora se reconheça complexidade no âmbito de cada uma delas. Eis porque se requer que se altere o modo como se dá a representação atual de Letras e Linguística nas instâncias administrativas da CAPES e que se dinamizem suas ações junto não apenas a essa agência de fomento à pesquisa, mas a todas as outras, federais e estaduais, e esferas de estado. Este documento aponta para a importância e necessidade da substituição da representação única, designada por Letras e Linguística, por duas representações distintas, dando conta das respectivas identidades com que se organizam atualmente os programas de pós-graduação. (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p. 2-3).

Como parte da defesa da divisão das áreas, o Planes apresenta, em mais ou menos sete páginas, um histórico dos Estudos de Linguística e, em seis páginas, o histórico dos Estudos da Literatura.

Neste último, quanto à direção das pesquisas de literatura no país, o texto (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p.15) delimita as passagens das décadas de 1960-70 e das de 1980/1990 em que se nota “um contraste significativo”. No primeiro momento, com o surgimento e consolidação do sistema de pós-graduação,

[...] prevaleceu o impulso delimitador, a busca da especificidade do objeto (a literatura) e a constituição de um aparato teórico-metodológico específico, capaz de diferenciar e profissionalizar a abordagem do literário, dando-lhe estatuto científico.

No segundo grande momento de configuração dos estudos literários no Brasil, pode-se constatar o predomínio de uma pulsão inversa, que, por um lado, resultou na tendência a reimmergir o literário e seu estudo nas textualidades mais amplas da cultura, da história e da vida social e política; por outro, na substituição do aparato disciplinar específico ou do diálogo privilegiado com a Linguística, por uma perspectiva marcadamente multidisciplinar, em especial pela progressiva inclusão, no referencial bibliográfico de fundamentação, do conhecimento produzido por outros campos das Ciências Humanas (com destaque para a Antropologia e a História) e das Ciências Sociais Aplicadas, através dos estudos de Comunicação. (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p. 15-16)

Em nenhum momento, salvo engano, utiliza-se o termo *estudos culturais*, mas o trecho indica que tais estudos têm larga representação na nova configuração.

Nessa mudança, a denominação dos programas e das áreas de concentração não traz transformações expressivas, porém as linhas e os projetos de pesquisa — e, “de forma mais contundente” —, os títulos da produção bibliográfica dos docentes e das dissertações e teses evidenciam o deslocamento do “‘estritamente literário’ para as suas margens”. Isso dar-se-ia: 1) no âmbito textual — tendo como objeto fontes primárias, “especialmente de acervos de escritores e dos documentos da vida literária e cultural”. Ou 2) “pela eleição, como objeto de investigação de outras linguagens artísticas ou da cultura popular e massiva”, com destaque para a música popular brasileira e as tradições orais e populares. E, ainda, 3) “[...] pela emergência dos estudos que, preterindo a perspectiva nacional, privilegiam a produção cultural e literária impregnada pelas demandas identitárias de segmentos emergentes, em perspectiva étnica, de gênero, sexual ou até etária [...]”, ou que, nessa mesma direção, centram-se na produção literária e cultural de outros espaços periféricos como as literaturas africanas de língua portuguesa, incrementando estudos de recepção e outros fenômenos culturais como leitura e ensino (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p. 16).

O documento da Comissão da CAPES, como dito — bem como a participação dos autores na ANPOLL — tem a finalidade de argumentar a favor da separação das áreas. Todavia, a meu ver, o documento e a manifestação dos responsáveis por ele, mostram que o único argumento convincente para essa divisão é o grande aumento no número dos programas de Letras e Linguística, cujos “efeitos complicadores” “começaram a se tornar visíveis ao final do triênio 1998-2000, nos trabalhos de avaliação” (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p. 21).

O texto da comissão, entretanto, é muito importante para essa reflexão sobre as tendências da literatura no Brasil, porque suas conclusões acerca das direções da pesquisa no país convergem para os resultados que obtive no exame das teorias e linhas. Para isso, já tinha levantado alguns elementos — que retomo aqui — apresentados no XII Simpósio de Letras e Linguística, na UFU, no final de 2009.

Pensando na maneira de apreender as direções da pesquisa atual em literatura no país, já para o evento da UFU, considerei alguns caminhos centrados no exame de determinadas produções e atividades acadêmicas. Poder-se-ia levantar e analisar amostras — com as dificuldades para o estabelecimento de critérios para tanto —, por exemplo, de: 1) livros dos últimos cinco anos; 2) teses e dissertações em literatura, incluindo-se a parte da literatura dos programas mistos — pelo mesmo número de anos, e 3) periódicos dos programas de pós-graduação e de departamentos.

Não é preciso dizer que qualquer dessas alternativas demandaria uma pesquisa muito ampla e não factível, em pouco tempo, por uma só pessoa. Em relação aos periódicos, caberia, por exemplo, um levantamento dos temas propostos pelos editores — quando se trata de periódico temático. Todavia, nota-se que, se o tema pode ser alusivo a uma determinada direção teórica — como é o caso de um número relativamente recente (2007/2008) da revista *Literatura e Sociedade*, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da USP, sobre Literatura e Psicanálise — isso acontece de modo esporádico. Mais comumente, os periódicos centram-se em autores, comemorações de centenário e

cinquentenário de nascimento ou morte de escritores, de uma obra ou de um movimento literário. Os temas ainda, a exemplo da *Revista da ANPOLL*, podem ser linguagens da violência; o regional e o global; tempo e espaço e, nos últimos anos, Machado de Assis e Guimarães Rosa: aspectos linguísticos e literários; a língua portuguesa na imprensa (1808-2008); espaço público e linguagens (*Revista da ANPOLL*, 2009a) e multimodalidade e intermedialidade: abordagens linguísticas e literárias (*Revista da ANPOLL*, 2009b). Para os próximos números (2011 e 2012), teremos os seguintes temas: Literatura: percursos e perspectivas e Linguística: percursos e perspectivas, que, certamente, deverão trazer à baila a discussão sobre linhas teóricas.

Dadas as limitações apontadas, tomei a relação dos simpósios dos dois últimos eventos da ABRALIC – o XI Encontro Regional de 2007 e o XI Congresso Internacional de 2008, ambos realizados na USP – e ainda os grupos temáticos de literatura do XII Simpósio Internacional de Letras e Linguística da UFU de novembro de 2009. Trata-se, sem dúvida, de atividades díspares em muitos pontos, mas que possuem também afinidades, como o fato de terem uma proposta de internacionalização, ainda que as dimensões do SILEL sejam bastante diferentes daquelas da ABRALIC.

Para a pequena pesquisa aqui exposta, eram necessários eventos da área com semelhanças (simpósios ou grupos temáticos ou de trabalho) e diferenças como a dimensão, os propósitos – a presença forte da literatura comparada em um (ABRALIC) e a possibilidade de ela aparecer ou não no outro (SILEL). O fato de ter-se optado por esse tipo de objeto não significa que se tenha deixado de atentar para a necessidade de pesquisa e discussão sobre a representatividade das nomeações dos simpósios e grupos e para o conteúdo das comunicações neles enfeixadas.

Além disso, ainda que se possa considerar que tais simpósios e comunicações, de algum modo, refletem as pesquisas de docentes, de pós-graduandos e de graduandos da área, caberia investigar em que proporção os trabalhos apresentados nesse tipo de evento são aproveitados em outros estudos ou se continua prevalecendo a bibliografia tida como clássica. Trata-se de realizar pesquisa — altamente necessária — sobre a qualidade dos trabalhos, o que foge ao escopo deste texto.

Assim, antes de apresentar o breve levantamento realizado e tecer comentários sobre o seu resultado, vale dizer que os estudos acadêmicos de literatura entre nós, em termos quantitativos, com todas as dificuldades enfrentadas, estão muito vivos. Como prova temos, por exemplo, a grande quantidade de inscrições no último Congresso Internacional da ABRALIC, que ultrapassou três mil e poderia ter sido muito maior se a diretoria não tivesse que restringir o número de participantes em virtude dos limites do espaço físico de que se dispunha nas dependências da FFLCH da USP, atividade que foi, aliás, muito desgastante para a diretoria. O grande número de inscrições foi motivo de discussão frequente nas várias reuniões da diretoria, que levou ainda em conta o fato de colegas afirmarem que se afastaram dessa associação porque os eventos transformaram-se em atividade de massa.

No 11º Congresso Internacional, realizado em julho de 2008, no debate sobre a viabilidade ou não da manutenção do modelo atual dos eventos, uma das sugestões apresentadas foi a formação de grupos regionais subordinados à direção da ABRALIC. À parte a possibilidade de subordinação, que pode acarretar mais tarefas às diretorias e

emperrar o processo de descentralização, penso ser muito interessante essa ideia de regionalização à maneira dos GEL's da linguística. O SILEL da UFU — ainda que agregando as duas áreas e não apenas a literatura, como é de seu feitio e tradição — cumpriu bem esse papel com 21 grupos de trabalho (grupos temáticos) na área de literatura. O 58º Seminário do GEL, como os anteriores, também conta com muitas comunicações na área da literatura.

As pesquisas em literatura no Brasil precisam de outros espaços como esses para apresentação e discussão de seu desenvolvimento e resultados. Fica aí a sugestão para todos os que trabalham com literatura.

Voltando à minha investigação sobre teorias e linhas de pesquisa, a ABRALIC é tomada não como lugar unicamente de discussão de estudos comparados, mas, como espaço de reflexão sobre literatura no país, como associação correspondente à ABRALIN — Associação Brasileira de Linguística —, porque, há muito, seus encontros e congressos deixaram de ser oportunidade exclusiva de debate da literatura comparada, não só no que diz respeito às comunicações, mas também no que diz respeito às conferências e semiplenárias ou mesas-redondas.

Quando, sob a presidência da Profa. Dra. Sandra Nitrini, assumimos a gestão da ABRALIC para o biênio 2007/2008, esse foi um dos pontos de concordância entre os membros da diretoria: não exigir dos coordenadores de simpósios que só aceitassem trabalhos que dissessem respeito à literatura comparada, embora isso fosse incentivado, como se pode ver pelos nomes dos eventos: Literaturas, Artes, Saberes (2007) e Tessituras, Interações, Convergências (2008).

Para rastrear as possíveis direções dos estudos apresentados na ABRALIC, optei pelo levantamento de títulos dos simpósios que indicassem a linha teórica dos trabalhos neles enfeixados. Com esse critério, pude verificar que apenas uma linha — a dos estudos culturais — no que respeita ao embasamento teórico, tomado em sua generalidade, apresentava-se claramente. Em seguida, passei para outro exame, considerando a presença, nos títulos levantados, dos objetos ou *corpus* explicitados nos títulos — literatura brasileira, por exemplo — e temas como mito, gêneros literários.

Obviamente, o título do simpósio não é garantia de que as comunicações que o integram sigam a orientação apresentada. Porém, um exame dos títulos das comunicações, no caso do XI Encontro Regional da ABRALIC, permite considerar que, em geral, os trabalhos propostos não fogem à orientação do simpósio. Além disso, temos que atentar para o fato de que um simpósio — que não tenha, no título, nenhum tipo de referência a uma determinada linha teórica — pode integrar comunicações cujo apoio seja salientado em outros simpósios.

No XI Encontro Regional da ABRALIC (NITRINI et al., 2007), cujo tema era Literaturas, Artes, Saberes, contamos com 54 simpósios — 9 deles subdivididos em grupos I e II — dos quais 19, salvo engano, vinculam-se aos estudos culturais ou lembram esse tipo de direção epistemológica. São títulos como: Arquivos da memória literária e cultural da América Latina; Cartografias da Shoah: literatura, cinema, artes; Interloquções literárias, críticas e culturais: Brasil, América Hispânica, França e países francófonos; Lugares dos discursos literários e culturais; Memória e literatura: autoritarismo, violência e repressão no século XX; Olhares híbridos em confronto; O local e o estrangeiro: os lugares

das identidades; Poéticas de africanidades: estratégias de construção do espaço (e) das identidades.

O que chama a atenção não é apenas que, de 54 simpósios, 19 apontam para essa direção, mas também que os demais títulos não indicam de forma explícita ou implícita a orientação teórica, a não ser, como era de se esperar num congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, o fato de tratar-se de comparação em títulos como: Artes visuais e literatura na contemporaneidade (de meados do século XX aos dias de hoje); Dramaturgia e outras artes; Literatura e cinema: intersecções; Literatura e mídias: diálogos possíveis; Literatura e mito: intertextualidades; Literatura e música: leituras e relações intertextuais; Literatura e psicanálise; Literatura e teledramaturgia.

Essa amostra é ainda representativa das artes e saberes escolhidos para comparação. Correndo o risco de não ter exatidão no levantamento, uma vez que há nomeações como *artes*, *outras artes*, *outras linguagens*, *outras discursos*, *interartes*, podemos dizer que há quatro referências ao cinema, duas à dramaturgia ou ao teatro, duas menções à mídia, uma à teledramaturgia, uma às artes visuais. Há também quatro referências à adaptação, duas à tradução (uma sobre a obra de Guimarães Rosa). Quanto aos saberes, são mencionadas as ciências humanas, a psicanálise, a ética. Também, como era de se esperar, conta-se com a ocorrência de termos como *diálogo(s)* (três vezes); *intertextualidade(s)*, *intertexto* e *intersecções* (duas vezes); *relações intertextuais*, *interlocuções*, *convergência* (uma vez).

No que se refere a objetos ou temas envolvidos podemos elencar: literatura brasileira com três menções; gênero, mito, Guimarães Rosa, literatura de viagem, poesia, literatura oitocentista, todos com duas menções; tecnologia, poder, Idade Média, José Saramago, literatura de expressão alemã, literatura russa, literatura portuguesa, periodismo, africanidade, narratividade, edição de textos, escritoras na história da literatura brasileira, diferença, humanismo, pós-modernidade, com uma menção.

Para conhecermos a prevalência em relação ao gênero tomado como *corpus* nas comunicações, teríamos que ler os resumos das comunicações, o que não foi possível. Assim, só podemos supor que a narrativa seja o gênero mais explorado, cabendo ainda verificar se os estudiosos escolhem principalmente o conto ou o romance.

Não levantamos a quantidade de menções a termos como *globalização*, *cultura*, *crítica cultural*, *identidade*, *memória*, *fronteiras*, *lugares*, *transculturização* e mesmo *autoritarismo*, *violência*, *repressão*, por crermos que estão contempladas nos 19 títulos vinculados aos estudos culturais ou por eles apropriados.

Já o XI Congresso da ABRALIC, que teve como título *Tessituras, Interações, Convergências* (NITRINI et al., 2008), contou com 82 simpósios, divididos em sete subtemas propostos pela diretoria que, certamente, deram uma certa direção aos trabalhos. Assim, tivemos o subtema 1: Literatura, dialogismo e intertextualidade, com 19 simpósios; o subtema 2: Literatura e outras artes, com 15 simpósios; o subtema 3: Literatura e outros saberes, com 22 simpósios; o subtema 4: Literatura e mídia, com 3 simpósios; o subtema 5: Tradução, transcrição e adaptação, com 6 simpósios; o subtema 6: Poéticas do texto literário, com 5 simpósios; o subtema 7: Gêneros literários, fronteiras e ambiguidades, com 12 simpósios.

Como se nota, o subtema 3, que relaciona literatura e outros saberes, concentrou o maior número de simpósios (22). A quantidade de simpósios relativos ao subtema Literatura,

dialogismo e intertextualidade (19) aproxima-se daquele do número 3. Trata-se de subtema amplo, para o qual era esperada uma concentração de escolhas. Além disso, como se vê, o menor número de simpósios recaiu no subtema literatura e mídia, o que talvez já seja um avanço, pois essa relação não é tão estudada entre nós. Outro ponto a ser destacado é o pequeno número (cinco) de simpósios filiados ao subtema número 6 — Poéticas do texto literário — que foi entendido ora como relativo a escritores (Osman Lins, Franklin Távora e Alfredo D'Escragno Taunay) ora como tema — por exemplo, figurações da morte — ora como um período de determinado gênero em determinado espaço: Narrativa latino-americana dos anos 1990 ao presente.

No que diz respeito ao ponto central do levantamento, que é a busca da direção teórica de nossas pesquisas, novamente o que sobressai são os títulos, de alguma maneira, envolvidos com os estudos culturais ou deles derivados, tais como: América Latina: lugar de comparações; África e Portugal: tessituras literárias e convergências pós-coloniais; Figuras da alteridade nas literaturas das Américas (séculos XX e XXI); Identidades poéticas, teorias e convergências literárias em contexto periférico; Regionalismos e fronteiras culturais: articulações entre o próprio e o alheio; Tessituras da subjetividade na expressão e na representação feminina; Experiências de interditos, transgressões e liberdades poéticas; Trânsitos, fronteiras, tessituras: literatura, regionalismos e globalização.

São 22 títulos num total de 82; pode ser pouco, porém, mais uma vez, com exceção da indicação de que os simpósios envolvem comparações, relações, intersecções — ou seja, de que se trata de conjunto de trabalhos de literatura comparada — não há maiores referências, nos demais títulos, que permitam reconhecer a orientação teórica, a não ser nos simpósios denominados Teoria crítica e literatura: convergências dialéticas e Literatura e hermenêutica.

De toda maneira, ainda que o XI Congresso Internacional da ABRALIC tenha contado com 28 simpósios a mais do que o Encontro Regional, se há algo a destacar, é que apenas os estudos culturais se manifestam claramente em determinados títulos.

O quarto objeto deste levantamento são os títulos dos grupos temáticos de literatura do XII SILEL. Ao se arrolar e comparar tais títulos, nota-se a reduzida presença de denominadores comuns. É interessante, todavia, observar que o que mais se destaca é o comparativismo que está em pelo menos seis dos 21 grupos: Leituras do texto literário; Literatura e cinema na pós-modernidade: intertextualidades, adaptações, transformações; Literatura e cultura: perspectivas teóricas e críticas; Literatura marginal: produção letrada, sociedade e mercado na década de 1970 e na atualidade; Pós-colonialismos: literaturas, teorias e práticas; Tradução e diálogos interculturais.

Examinando-se tais títulos e, principalmente, as ementas dos grupos temáticos, verifica-se também que, entre essas propostas comparatistas, pelo menos quatro estão dentro dos estudos culturais. É o caso de Leituras do texto literário; de Literatura e cultura: perspectivas teóricas e críticas; de Pós-colonialismos: literaturas, teorias e práticas e de Tradução e diálogos interculturais.

Contamos, ainda, com três títulos que mencionam o erotismo e dois voltados ao ensino de literatura, a práticas e bens culturais e a Machado de Assis.

Refletindo um pouco sobre os dados levantados, vê-se que, mesmo fora do âmbito da ABRALIC, os trabalhos que enfocam a comparação têm certo espaço. Já quanto aos estudos

culturais, além dos quatro títulos destacados, vale informar que a ideia de relação com a cultura é retomada em outros títulos. Assim sendo, o que cabe observar, creio, é a presença não descartável, também no SILEL de 2009, das pesquisas envolvendo comparação e estudos culturais.

Se o levantamento realizado tem significado, cabe discutir o papel dos temas dos congressos internacionais da ABRALIC nessa predominância — ou presença — dos estudos culturais e de seus desdobramentos. Vejamos esses temas, lembrando que a ABRALIC foi fundada em 1986: I Congresso em 1988 (UFRGS/Porto Alegre): Intertextualidade e interdisciplinaridade; II Congresso em 1990 (UFMG/Belo Horizonte): Literatura e memória cultural; III Congresso em 1992 (UFF/Niterói): Limites; IV Congresso em 1994 (USP/São Paulo): Literatura e diferença; V Congresso em 1996 (UFRJ/Rio de Janeiro): Cânones e contexto; VI Congresso em 1998 (UFSC/Florianópolis): Literatura comparada; VII Congresso em 2000 (UFBA/Salvador): Terras e gentes; VIII Congresso em 2002 (UFMG/Belo Horizonte): Mediações; IX Congresso em 2004 (UFRGS/Porto Alegre): Travessias; X Congresso em 2006 (UERJ/Rio de Janeiro): Lugares dos discursos.

Para corroborar os temas, citamos informações sobre dois desses congressos, encontradas na *História da ABRALIC* (2009), que constam de sua apresentação no *site* da Associação, feita a partir de texto de Tânia Carvalhal, de 1996. Assim, na apresentação dos Anais do IV Congresso cujo tema foi Literatura e diferença, lê-se:

[...] ressaltam-se no conjunto das exposições trabalhos em que a circulação literária foi pesquisada e estudada com ênfase no descentramento de ótica, de forma a se analisar, com os pés na periferia, as imbricações entre o regional e o nacional, entre o nacional e o supranacional e entre a série literária e as demais séries culturais.

Na apresentação do VIII Congresso, que contou com o tema Mediações e que foi realizado em 2002 na UFMG, temos:

[...] [o Congresso] tratou do papel de diferentes instâncias de mediação nos processos de construção de valores na cultura e na arte, em geral, e na literatura, em particular. Tomando-se as mediações como lugares de produção de valores, procurou-se refletir sobre a ação de diversos mediadores culturais nos processos de avaliação crítica, envolvendo a participação de múltiplas instâncias — territórios, redes, mercado, política, agentes.

Selecionei esses dois exemplos, mas poderiam ser quaisquer outros que têm a mesma direção, qual seja, a presença, de forma evidente ou não, de uma certa dominância do que, de maneira muito ampla, se denominam estudos culturais.

O levantamento realizado — embora talvez só forneça alguma segurança sobre o que já se sabia e mesmo por isso — penso, tem certa validade. De todo modo, cabe evidenciar a proximidade entre as minhas conclusões quanto à direção das pesquisas em literatura no país e o documento da comissão da CAPES (ABDALA JUNIOR et al., 2010, p. 15) — quando delimita as passagens das décadas de 1960-70 e das de 1980/1990 — salientando a abrangência dos objetos da pesquisa em literatura no segundo momento, voltados para o universo dos estudos culturais.

A permanência tão prolongada desse tipo de pesquisa em seus vários aspectos e derivações, no que diz respeito à ABRALIC, pode ter como um dos motivos a relação de proximidade entre comparatismo e estudos culturais.

De toda maneira, essa preferência levou a comunicações e mesmo a conferências nos congressos da ABRALIC de que a literatura não fazia parte quer como tema quer como *corpus*. Já a diretoria da Associação, em 2007 e 2008, empenhou-se em tentar evitar ou diminuir a ausência da literatura nos simpósios e nas comunicações bem como nas conferências e mesas-redondas.

Em vista desses fatos e dados, cabe perguntar: a prevalência dessa direção entre os estudiosos da literatura é que levou a tal homogeneização nos temas e ementas de diferentes congressos da ABRALIC? Ou aconteceu o contrário: a ABRALIC, pela aproximação entre comparatismo e estudos culturais, é que enfatizou tal direção, disseminando-a nas pesquisas de literatura no país? Seria mais saudável a presença forte de outras direções teóricas?

Dada a visível preponderância dos estudos culturais, temos outra questão candente: o objeto fulcral das pesquisas na área deve ser o texto literário ou qualquer tipo de texto ou o cinema, a dança, a gestualidade, ou ainda objetos tradicionalmente estudados pela história, pela antropologia ou pela sociologia?

A meu ver, há a necessidade de se ter alguma delimitação de campo de pesquisa. Parece-me que, sem isso, corre-se o risco de voltar ao século XVIII, quando as diferenças entre história e literatura não eram reconhecidas, bem como não o eram a autonomia e a peculiaridade artística da última. Para Luis Costa Lima (2006, p. 381),

[...] ainda no final do século XIX e durante grande parte do XX, não se havia assimilado muito bem por que história e ficção pertenceriam a campos diversos. Ao contrário, tornando literatura e ficção equivalentes, era mais fácil manter a convergência entre história e literatura.

Nos séculos XVIII e XIX, a literatura compreendia do romance ao jornalismo e da poesia à oratória. Se atualmente existe um retorno à indiferenciação, essa volta manifesta-se de forma um tanto exagerada, pois, naquele momento, estava em jogo o discurso verbal e agora esse universo é extrapolado para a gestualidade, por exemplo, ou para tudo quanto diz respeito à cultura.

Armand Mattelart e Érik Neveu (2006, p. 148), em *Introdução aos estudos culturais*, de 2003, tratam desse tema de modo amplo, não ligado à literatura; mencionam os anos 1980 como “[...] ponto de partida de uma dupla extensão dos objetos e das referências teóricas. Consultar hoje manuais ou coletâneas sugere irresistivelmente a metáfora de uma bola de neve evoluindo para a avalanche!”.

Apontam o caminho dos estudos culturais da Inglaterra para os Estados Unidos e para a América Latina. É a partir dos anos 1990 que os Estados Unidos tornam-se “elo de transmissão e segunda pátria dos estudos culturais”, mantendo, com os trabalhos latino-americanos, uma relação desequilibrada. Por influxo do rótulo *Latin American Cultural Studies* – “ramo de um saber anglófono por universitários estadunidenses que pesquisam a América Latina” – os pesquisadores latino-americanos adotam a noção de estudos culturais latino-americanos. Os departamentos de literatura ibero-americana ou de espanhol e português são os centros de difusão desses estudos. Para os autores mencionados, as universidades norte-americanas que têm tais centros “[...] são as únicas a poder oferecer perspectivas de carreira a numerosos pesquisadores latino-americanos e financiar projetos intercontinentais”

(MATTELART; NEVEU, 2006, p. 146). Creio que há exagero nisso, mas também alguma verdade.

Contudo, a grande crítica dos autores — e de muitos outros — aos estudos culturais pode ser resumida no seguinte: “[...] tratar do consumo ou da identidade é menos comprometedor do que analisar as estruturas de poder, os movimentos sociais ou a extrema concentração da mídia” (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 144). No capítulo “O descompromisso dos pesquisadores”, analisam mesmo o processo de despolitização dos estudos culturais. Começam na Inglaterra, como uma nova esquerda, mas, 20 anos depois, isso se desagrega, reduzindo-se a relação entre os pesquisadores e os movimentos sociais (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 153).

Uma variante do que os autores denominam “gestão populista do descompromisso” está no terceiro-mundismo, em especial na América Latina em que o “[...] ‘popular’ estaria preservado, um mundo perdido, um Eldorado onde as problemáticas da hegemonia, da resistência, do conflito de classes manteriam um sentido” (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 154).

Dizem eles ainda: “Há uma espécie de reconhecimento de teóricos latino-americanos, entronizados no clube dos estudos culturais como guardiães titulares de um ‘monte de testemunho’ onde as velhas problemáticas e os velhos combates mantêm um sentido”. E mais: “Essa solicitação simplista [...] negligencia as contradições e ambiguidades que, também na América Latina, afetam os *estudios culturales* [...]” (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 155).

No que diz respeito ao objeto dos estudos culturais, encontra-se uma abertura enorme, cobrindo, por exemplo, as mídias, seus programas, as “tecnoculturas”. No catálogo dos *Media and Cultural Studies*, de 1995, os livros apresentados, além da mídia, tratam de etnicidade, racismo, pós-colonialismo, havendo ainda “[...] obras sobre arte, literatura, museus, memória social, mas também sobre as modas, os tabus, as sexualidades [...]”, bem como sobre jornalismo, identidades, geografia cultural. Alguns manuais mencionam a linguagem, as políticas culturais, a cidade e rara é a ligação entre tais pesquisas e os iniciadores dos estudos culturais em Birmingham (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 148).

Outra ruptura com o começo dos estudos culturais é a anexação de “temas abandonados e menosprezados”, o que leva Mattelart e Neveu (2006, p. 149) a falarem da “lógica anexionista dos estudos culturais”. Forma-se uma antidisciplina caracterizada “[...] por um apagamento generalizado das fronteiras entre os estudos culturais e os trabalhos sobre mídia, gênero, estruturação do espaço”. Isso “[...] dá aos campeões dessa antidisciplina um direito à palavra sobre quase todos os assuntos de que as ciências sociais e as humanidades podem tratar” (MATTELART; NEVEU, 2006, p. 149).

Também pude observar que, certamente por influência dos estudos culturais, as pesquisas sobre literatura no último ICA — Congresso Internacional de Americanistas, realizado na cidade do México em 2009 — centraram-se na “memória da repressão”.

De todo modo, Mattelard e Neveu (2006, p. 156-157) mostram que diversos resultados de fóruns, colóquios, indicam a “[...] busca multiforme, de hoje em diante incontornável, de passarelas e de articulações entre os processos culturais, os imaginários da mundialização, a economia, a história e a geopolítica [...]”.

Sobre tal influência desse tipo de pesquisa, tomemos a palavra de Silviano Santiago (2010) acerca dos estudos culturais que liberaram “[...] a entrada da produção cultural dita primitiva ou popular, recalcada pelo primado da tradição letrada”. Todavia, para ele,

[...] a valorização da parte rejeitada se dá pelo avesso. O não canônico expulsa o canônico e a cultura negligenciada, a arte tradicional. Nos piores casos, as duas válvulas de escape [1) abertura para o excluído, a arte da mulher, dos negros e dos gays e 2) valorização da produção popular] são sectárias. Não trabalham a diferença. Eliminam o conflito pelo recurso a uma teologia às avessas.

Outro ponto — já mencionado — que me parece importante no que respeita à relação entre a literatura e os estudos culturais é a delimitação de nosso objeto de pesquisa, ou melhor, a necessidade dessa delimitação.

Tal tópico, necessariamente, impõe a eterna reflexão sobre o que seja a literatura. Para tratar desse ponto, tomo de empréstimo palavras de Antoine Compagnon (2009 [2006]), na conferência inaugural da nova cátedra de literatura do Collège de France. Começando pelas conclusões do texto, Compagnon retoma conhecidas afirmações de Calvino, Bloom e Kundera sobre a supremacia da literatura. O primeiro diz “[...] que há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar” (CALVINO apud COMPAGNON, 2009, p. 20). Bloom (apud COMPAGNON, 2009, p. 49) assevera: “[...] somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo”. E Kundera (apud COMPAGNON, 2009, p. 50, grifo do autor) assegura que “[...] o romance ‘rasga a cortina’ das ideias feitas, da *doxa* ou do *pronto* [...]”.

O professor do Collège de France (COMPAGNON, 2009, p. 54) pergunta se tais posições se sustentam na atualidade, se cabe supor hoje que “a literatura nos inicia ao mundo de maneira exclusiva”, ou “que ela nos desvela uma parte da experiência humana que nos ficaria inacessível sem ela” e enfim: “É exato que a ficção seja o único gênero que me fale de certos aspectos da vida com plenitude?”

Tal exigência, para ele, é exorbitante. As biografias “nos fazem viver a vida dos outros”, o cinema “contribui para nossa experiência da narrativa e, portanto, para a constituição de nossa identidade”, a leitura de Freud nos faz passar “por uma prova de reconhecimento” (COMPAGNON, 2009, p. 55). Mas nada disso sustenta a perda da confiança na literatura.

Todas as formas de narração, que compreendem o filme e a história, falam-nos da vida humana. O romance o faz, entretanto, com mais atenção que a imagem móvel e mais eficácia que a anedota policial, pois seu instrumento penetrante é a língua, e ele deixa toda a sua liberdade para a experiência imaginária e para a deliberação moral, particularmente na solidão prolongada da leitura. [...] A literatura não é a única, mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene: ela é *A vida: modo de usar*, segundo o título impecável de Georges Perec. (COMPAGNON, 2009, p. 55)

No entanto, a literatura atualmente

[...] sofre concorrência em todos os seus usos e não detém o monopólio sobre nada, mas a humildade lhe convém e seus poderes continuam imensos; ela pode, portanto, ser abraçada sem hesitações e seu lugar na Cidade está assegurado. O exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de

uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir. (COMPAGNON, 2009, p. 56-57)

Certamente, nessas afirmações sobre a função e os sentidos da literatura, subjazem suas definições clássicas. Em primeiro lugar, na linha da poética aristotélica, ela é considerada como essencial para uma vida boa; pela mimese é que o homem aprende; a literatura deleita e instrui. Com o abade Prévost (apud COMPAGNON, 2009, p. 32), pode-se concluir que “Toda a obra é um tratado de moral, agradavelmente reduzido em prática”.

Em segundo lugar, a literatura – como vista no século das luzes, visão aprofundada no Romantismo – é um remédio, curando principalmente do “obscurantismo religioso”. Sartre (apud COMPAGNON, 2009, p.34), no espírito do século das luzes, por sua vez, sabia que nenhum livro impedia uma criança de morrer, mas a literatura é modo de escapar “das forças de alienação e opressão”.

Em terceiro lugar, a literatura é tomada como meio de corrigir os efeitos da linguagem, pois usa a língua comum, entretanto, faz dela uma linguagem particular, “poética ou literária” (COMPAGNON, 2009, p. 37). A literatura possibilitaria ultrapassar a língua ordinária, salvá-la de sua inadequação. Explorando a língua, com ela brincando ou violentando-a, a literatura excede suas limitações.

Mas a literatura tem também o avesso disso tudo, em sua impossibilidade depois de Auschwitz com Adorno (e Blanchot): ela seria vã ou culpada por não ter “impedido o inumano”. Chega-se assim ao “impoder sagrado” da literatura (COMPAGNON, 2009, p. 44).

Também cabe lembrar a anunciada morte da literatura, tantas vezes repetida em textos e entrevistas de intelectuais e artistas, em conferências de eventos internacionais como os últimos da Associação Portuguesa de Literatura Comparada ou nacionais, como o da ABRALIC de 2007. Sobre isso vale tomar novamente Compagnon (2009, p. 44): “Ambicionava-se o impoder porque todo o poder da literatura continuava no fundo indubitável e a ausência [...] tornava-se a forma suprema de soberania [...]”.

As duas questões acima delineadas — 1) a literatura considerada praticamente como qualquer atividade cultural como propõem os estudos culturais e 2) a impossibilidade da literatura e sua morte — não se misturam, porém, para mim, mantêm inequívocas relações: a impossibilidade da literatura ou sua proclamada morte não dizem respeito à literatura como qualquer atividade, dança, música, gestualidade, programas de televisão, mas como texto literário. Se essa morte é que pode ser anunciada e contestada, é porque a literatura ainda é o texto literário, é dele que se ocupam Compagnon (2009 [2006]) e Todorov (2009 [2007]).

É como texto literário que

O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades.

Por isso, acrescenta Compagnon (2009, p. 47):

A literatura deve [...] ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão

distante de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.

Penso que Compagnon está falando do que é tradicionalmente considerado como literatura, não de gestualidade, Big Brother ou Pânico na TV.

Embora devendo falar sobre meu campo de pesquisa, que é a literatura, creio poder ampliar questões aqui abordadas — como o que se estuda em literatura e o que se deve estudar em literatura — para a linguística. Nesse caso, cabem perguntas como: O que é linguística? Para que ela serve? O que se deve estudar em linguística? Ela deve privilegiar o texto como seu objeto? Devemos lembrar com Saussure que o ponto de vista constrói o objeto? Ou o contrário?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, B. et al. *Plano estratégico de Letras e Linguística*. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

CARVALHAL, T. Dez anos de ABRALIC (1986-1996): elementos para sua história. *Organon*, Porto Alegre, v. 10, n. 24, p. 16, 1996.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. [2006].

HISTÓRIA DA ABRALIC. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br>>. Acesso em: 15 out. 2009.

LIMA, L. C. *História*. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LITERATURA E SOCIEDADE. São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH – USP, n. 10, 2007/2008.

MATTELART, A.; NEVEU, É. *Introdução aos estudos culturais*. 2. ed. Tradução de Marcos Marionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

NITRINI, S. M. et al. *Caderno de Programação do XI Encontro Regional da ABRALIC: literatura, artes e saberes*. São Paulo: ABRALIC, 2007.

_____. *Caderno de Programação do XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações, convergências*. São Paulo: ABRALIC, 2008.

REVISTA DA ANPOLL. São Paulo: ANPOLL, n. 26, jan.-jun. 2009a.

REVISTA DA ANPOLL. São Paulo: ANPOLL, n. 27, jul.-dez. 2009b.

SANTIAGO, S. Mudando a minha cabeça. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mar. 2010. Sabático, Prosa de sábado, p. S2.

SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), 12.; 2., 2009, Uberlândia. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/silel2009>>. Acesso em: 15 out. 2009.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. [2007].